

Uma carta de Karl Liebknecht

Quando foi preso, por ocasião da manifestação do 1.º de Maio de 1916, Karl Liebknecht dirigiu às autoridades militares uma carta, da qual encontramos num jornal italiano os seguintes trechos:

Berlim, 3 de Maio de 1916

Na instrução a que se está procedendo contra mim, desejo juntar as seguintes declarações aos documentos da causa.

O governo alemão é no seu carácter histórico e social um instrumento de opressão e de exploração. Por toda a parte ele serve os interesses dos *junkers*, do capitalismo e do imperialismo.

O governo alemão não teve escrupulos na política do expansionismo mundial, foi cruel no forçar o aumento dos armamentos e é por isso um dos mais importantes expoentes responsáveis da presente guerra.

Juntamente com o governo austriaco, o governo alemão provocou a actual guerra e deve portanto assumir o maior quinhão de responsabilidade no desencadear imediato desse conflito.

O governo alemão iniciou a guerra sob falsos pretextos, enganando as massas populares e o parlamento (vede, por exemplo, o ultimato secreto à Bélgica, a falsificação do livro branco diplomático e o surpreendente telegrama russo de 29 de Julho de 1914) e tenta agora manter o entusiasmo guerreiro entre o povo com os meios mais desprezíveis.

O governo alemão sustenta uma guerra brutal em todas as frentes de batalha.

.....
O governo alemão agravou de maneira tremenda a exploração política e industrial das massas pondo a nação sob o domínio militarista.

O governo alemão recusa todas as reformas políticas e sociais e ao mesmo tempo submete o povo à

sua política guerreira imperialística, falando em igualdade entre os partidos e em pôr termo às diferenças entre as classes e à diversidade de modos de pensar, etc., etc.

O grito de «abaixo o governo!» deveria fulminar toda a política do governo alemão que está destruindo a liberdade da grande massa do povo.

.....
A guerra presente não é guerra de defesa nacional nem uma guerra tendente a libertar os povos oprimidos, e muito menos uma guerra tendente a melhorar as condições das massas.

Para o proletariado, a guerra actual é apenas a extrema concentração e intensificação da opressão política, da exploração industrial, do assassinato militarista, contra a vida das classes trabalhadoras e no interesse do capitalismo e do absolutismo.

A tudo isto não deveriam as classes trabalhadoras de todas as nações responder senão com uma oposição intensificada à guerra, com a luta de classe contra os governos capitalistas e as classes dominantes de todos os países, para aniquilamento do sistema opressor e explorador, para terminação da guerra, para uma paz em harmonia com o socialismo internacional.

Nesta guerra de classe, o socialista, cuja pátria é a internacional, deve cumprir o dever de defender a sua pátria.

Dizendo «abaixo a guerra!», o meu intento é condenar a actual guerra nas suas causas históricas, sociais, gerais, a forma accidental e financeira do seu início, o modo como é conduzida e as miras com que é feita.

Creio ser um dever para cada representante dos interesses proletários o tomar parte na luta de classe interior, afim de fazer acabar a guerra. Como socialista, oponho-me a esta e ao sistema militarista existente.

Sempre sustentei com todas as minhas forças a luta contra o militarismo como uma fase importante,

como uma questão vital das classes trabalhadoras de cada nação.

O Primeiro de Maio tem sido desde 1889 dedicado a demonstrações e propaganda em favor do socialismo, contra a opressão, a exploração e o despotismo. Ele significou a unidade de interesses e de intuítos dos trabalhadores de todo o mundo, uma unidade que não foi destruída pela guerra, mas que pelo contrário se fortaleceu, uma unidade contra o fratricídio, pela paz e contra a guerra. Hoje mais do que nunca cumpre a cada socialista redobrar de ardor na propaganda e nas manifestações.

O princípio que sustento aqui foi fixado pela internacional socialista no Congresso de Stuttgart (1907), que convida os socialistas de todas as nações a empregarem todos os meios possíveis para apressar a conclusão da guerra — quando lhes tenha sido impossível impedi-la — e a aproveitarem as condições produzidas pela guerra no intuito de precipitar a queda do sistema capitalista.

Em suma: este princípio é internacionalista. Ele implica o que eu e outros empreendemos contra o governo e a classe dominante da Alemanha, implica para os socialistas das nações em conflito o dever de fazerem o mesmo contra os seus governos e as suas classes dominantes.

Com efeito, este princípio é internacionalista, porque difunde a luta internacional contra a guerra de país para país, com um entusiasmo contagioso.

Karl LIEBKNECHT.

Auxílio À SEMENTEIRA

Para ajudar a manter a existência desta publicação recebemos mais:

Gaia — D. M. Castelhana	326
Lisboa — C. P.	350
» — P. F. Rodrigues	376
Odemira — A. Lourenço	302
Bedford (América) — C. T. Oliveira	320

1374

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

JORNAIS E REVISTAS

O Fanal, publicação eventual, para distribuição gratuita, «defensor dos operários do Arsenal da Marinha, Cordoaria e do operariado em geral». Redacção, rua de S. Cristovam, 39, 3.º, E., Lisboa.

Avante!, periódico libertario que começou a publicar-se em Santos—Brasil. Redacção, rua do Conselheiro Nebias, 70.

O Caiçeiro do Sul, quinzenário defensor dos Empregados no Comércio. Redacção, Portas de Aljustrel, 16, 1.º Beja.

O Figaro, bi-mensal, órgão dos barbeiros e do operariado em geral. Redacção, rua Arco Marquês do Alegrete, 30, 2.º Lisboa.

Guerra a la guerra, boletim diário anarquista editado pelos camaradas de Montevidéo — Uruguay. Recebemos apenas o n.º 1, é para distribuição grátis e tem a sua administração na Calle Rio Negro, 1180.

MANIFESTOS

A Ass. dos Trabalhadores Rurais de Odemira, distribuiu profusamente um manifesto *Ao Trabalhador Rural* apelando para a associação e unificação de todos, não só como único meio de obter o bem estar, como pela necessidade de fazer manter o aumento de salário mínimo, que após o ultimo movimento pelos lavradores e proprietários foi sancionado. Estes ficam sendo, para homem e por dia:

«Nas ceifas 1\$00 ou \$60 e comêr; nos trabalhos durante os meses de Maio a fins de Setembro, excêto a tirada das cortiças, \$80 ou \$40 e comêr; nos trabalhos de Outubro a fins de Abril excêto os trabalhos de agua e terra de belgas, \$60 ou \$30 e comêr.»

Para mulheres e por dia:

«Nas ceifas \$60 ou \$40 e comêr; nos restantes trabalhos durante o ano, \$40 ou \$20 e comêr.»